

**DIÁLOGO, IMAGINAÇÃO E PENSAMENTO CRÍTICO NA INFÂNCIA:
CONTRIBUIÇÕES DA FILOSOFIA COM CRIANÇAS EM UM PROJETO DE
EXTENSÃO**

**DIALOGUE AND IMAGINATION IN EXPERIENCES OF THINKING WITH
CHILDREN THROUGH THE PERSPECTIVE OF PHILOSOPHY WITH
CHILDREN**

**DIÁLOGO E IMAGINACIÓN EN EXPERIENCIAS DE PENSAR CON NIÑOS
A TRAVÉS DE LA PERSPECTIVA DE LA FILOSOFÍA CON NIÑOS**

**Marilene da Silva¹; Jéssica Bárbara Araújo de Lira Menezes²;
Jacicleide Ferreira Targino da Cruz Melo³**

¹ Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Departamento de Educação (DEDUC), Caicó/RN, Brasil. Email: marilenesilva016@gmail.com
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7715-2721>
Lattes: <https://lattes.cnpq.br/7504867027554141>

² Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Departamento de Educação (DEDUC), Caicó/RN, Brasil. Email: jb21091998@gmail.com
ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-7716-8551>
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9924876949633036>

³ Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Departamento de Educação (DEDUC), Caicó/RN, Brasil. Email: jacicleidemelo@hotmail.com
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9849-8315>
Lattes: <https://lattes.cnpq.br/6005114615753200>

RESUMO

Este artigo tem como objetivo analisar as contribuições da Filosofia com Crianças para o desenvolvimento do pensamento crítico, do diálogo e da imaginação na infância, considerando suas implicações na tomada de consciência das crianças sobre si mesmas, suas relações e o mundo em que vivem. O estudo fundamenta-se nas proposições de Lipman (1990) e Kohan (2012), articuladas às contribuições de Freire (1996), Vygotsky (1991) e Bakhtin (2003) acerca do diálogo e da construção do conhecimento. Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, de natureza descritivo-interpretativa, desenvolvida a partir de um projeto de extensão realizado com estudantes do 2º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública no município de Caicó/RN, no ano de 2024. As atividades foram organizadas por meio de rodas de conversa, leitura de textos literários e práticas de investigação filosófica, tendo o diálogo como eixo central. Os dados foram produzidos a partir de registros em diário de campo e das falas das crianças, sendo analisados à luz da análise de conteúdo (Bardin, 2011). Os resultados evidenciam que a valorização da escuta e da participação infantil favorece a construção de vínculos, o desenvolvimento da autonomia e o fortalecimento do pensamento crítico e criativo. Conclui-se que a Filosofia com Crianças constitui uma abordagem potente para a promoção de práticas educativas dialógicas, reflexivas e significativas na educação básica.

Palavras-chave: diálogo; imaginação; filosofia com crianças; pensamento crítico; infância.

ABSTRACT

This article aims to analyze the contributions of Philosophy with Children to the development of critical thinking, dialogue, and imagination in childhood, considering its implications for children's awareness of themselves, their relationships, and the world in which they live. The study is based on the propositions of Lipman (1990) and Kohan (2012), articulated with the contributions of Freire (1996), Vygotsky (1991), and Bakhtin (2003) regarding dialogue and the construction of knowledge. This is a qualitative, descriptive-interpretative research study, developed from an extension project carried out with second-grade students from a public school in the municipality of Caicó/RN, in 2024. The activities were organized through discussion circles, reading of literary texts, and philosophical investigation practices, with dialogue as the central axis. The data were produced from field diary entries and children's speech, and analyzed using content analysis (Bardin, 2011). The results show that valuing listening and children's participation fosters the building of bonds, the development of autonomy, and the strengthening of critical and creative thinking. It is concluded that Philosophy with Children constitutes a powerful approach for promoting dialogical, reflective, and meaningful educational practices in basic education.

Keywords: dialogue; imagination; philosophy with children; critical thinking; childhood.

Enviar feedback

RESUMEN

El objetivo de este artículo es analizar las aportaciones de la Filosofía con Niños al desarrollo del pensamiento crítico, el diálogo y la imaginación en la infancia, teniendo en cuenta sus implicaciones en la toma de conciencia de los niños sobre sí mismos, sus relaciones y el mundo en el que viven. El estudio se basa en las propuestas de Lipman (1990) y Kohan (2012), articuladas con las aportaciones de Freire (1996), Vygotsky (1991) y Bajtín (2003) sobre el diálogo y la construcción del conocimiento. Se trata de una investigación de enfoque cualitativo, de naturaleza descriptivo-interpretativa, desarrollada a partir de un proyecto de extensión realizado con estudiantes de 2.º de Primaria de una escuela pública en el municipio de Caicó/RN, en el año 2024. Las actividades se organizaron mediante círculos de conversación, lectura de textos literarios y prácticas de investigación filosófica, teniendo el diálogo como eje central. Los datos se obtuvieron a partir de registros en un diario de campo y de las intervenciones de los niños, y se analizaron a la luz del análisis de contenido (Bardin, 2011). Los resultados evidencian que la valoración de la escucha y la participación infantil favorece la construcción de vínculos, el desarrollo de la autonomía y el fortalecimiento del pensamiento crítico y creativo. Se concluye que la Filosofía con Niños constituye un enfoque potente para la promoción de prácticas educativas dialógicas, reflexivas y significativas en la educación básica.

Palabras clave: diálogo; imaginación; filosofía con niños; pensamiento crítico; infancia.

INTRODUÇÃO

A Filosofia com Crianças tem se consolidado como uma abordagem educativa que reconhece a infância como um tempo de pensamento, questionamento e produção de sentidos, rompendo com concepções que limitam a criança a uma posição passiva no processo educativo. Ao valorizar a escuta, o diálogo e a imaginação, essa perspectiva

contribui para a construção de espaços formativos nos quais as crianças são incentivadas a refletir sobre si mesmas, sobre o outro e sobre o mundo em que vivem.

Nesse contexto, emergem desafios contemporâneos relacionados à necessidade de práticas pedagógicas que promovam o desenvolvimento do pensamento crítico desde os anos iniciais, especialmente diante de questões sociais como diversidade, identidade e direitos humanos. Tais demandas evidenciam a importância de estratégias educativas que ultrapassem a mera transmissão de conteúdos, favorecendo a participação ativa dos estudantes e a construção coletiva de conhecimentos.

É nesse cenário que se insere o projeto de extensão “Diversidade e Direitos Humanos: escuta, fala e imaginação em experiências de pensar com crianças”, vinculado ao Departamento de Educação do CERES/UFRN, desenvolvido no ano de 2024 com estudantes do 2º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública no município de Caicó/RN. O projeto buscou promover experiências de leitura, diálogo e investigação filosófica, tendo como eixo central a valorização da palavra das crianças e a problematização de temas relacionados à diversidade e aos direitos humanos.

A proposta fundamenta-se nas contribuições de Matthew Lipman (1990), ao defender a constituição de comunidades de investigação como espaço de desenvolvimento do pensamento crítico, criativo e reflexivo. Dialoga, ainda, com Walter Omar Kohan (2012), ao compreender a infância como potência de pensamento e valorizar a experiência e a escuta como elementos centrais no processo educativo. Complementarmente, apoia-se nas concepções de Freire (1996), Vygotsky (1991) e Bakhtin (2003), que reconhecem o diálogo como prática fundamental na construção do conhecimento, mediada pelas interações sociais e pela linguagem.

No âmbito do projeto, a literatura infantil assumiu papel central como mediadora das experiências de pensar, ao possibilitar o contato das crianças com diferentes narrativas, realidades e perspectivas. A leitura de obras como *Malala, a menina que queria ir para a escola* (Yousafzai, 2015) e *Amor de cabelo* (Cherry, 2020) favoreceu a problematização de temas como direito à educação, identidade e diversidade, contribuindo para a construção de reflexões e posicionamentos pelas crianças no contexto das rodas de conversa.

Diante disso, o presente artigo tem como objetivo analisar as contribuições da Filosofia com Crianças para o desenvolvimento do pensamento crítico, do diálogo e da imaginação na infância, considerando suas implicações na tomada de consciência das

crianças sobre si mesmas, suas relações e o mundo em que vivem, a partir das experiências desenvolvidas no referido projeto de extensão

Para alcançar esse objetivo, adotou-se uma abordagem qualitativa, de natureza descritivo-interpretativa, com base na análise de diálogos produzidos em experiências de leitura e investigação filosófica com crianças. Os dados foram construídos por meio de registros em diário de campo e gravações das interações, sendo analisados à luz da análise de conteúdo (Bardin, 2011), em articulação com a perspectiva dialógica (Bakhtin, 2003; 2006) e sociocultural do conhecimento (Vygotsky, 1991; 2001).

O artigo está organizado em três momentos: inicialmente, apresenta-se a fundamentação teórica, na qual se discutem os pressupostos da Filosofia com Crianças, o papel do diálogo na formação do pensamento e a literatura, no contexto escolar, como recurso que promove experiências estéticas e reflexivas que possibilitam ao leitor dialogar com diferentes realidades e ampliar sua compreensão de mundo; em seguida, descrevem-se os procedimentos metodológicos adotados na pesquisa; por fim, são analisadas as experiências vivenciadas, evidenciando suas contribuições para o desenvolvimento do pensamento crítico, da imaginação e da reflexão sobre a diversidade na infância.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A presente seção tem como objetivo discutir os fundamentos teóricos que sustentam a proposta da Filosofia com Crianças, com ênfase no papel do diálogo e da investigação filosófica no desenvolvimento do pensamento crítico na infância. Para tanto, inicialmente, aborda-se a concepção de Filosofia com Crianças a partir das contribuições de Matthew Lipman e Walter Omar Kohan. Em seguida, discute-se o diálogo como prática central nas experiências de pensar com crianças no contexto escolar, com base em autores como Freire, Vygotsky, Bakhtin e Dewey.

A FILOSOFIA COM CRIANÇAS E FORMAÇÃO DO PENSAMENTO NA INFÂNCIA

A Filosofia com Crianças configura-se como uma proposta educativa que visa promover o desenvolvimento do pensamento crítico, criativo e reflexivo desde a

Comentado [1]: Observar o espaço antes e depois do título

infância, reconhecendo a criança como sujeito capaz de pensar, questionar e produzir sentidos. Essa abordagem tem como principal referência o trabalho de Matthew Lipman (1990), que propõe a constituição de comunidades de investigação como espaço privilegiado para o exercício do pensamento filosófico.

Nessa perspectiva, o objetivo da educação não se limita à transmissão de conteúdos, mas à formação de sujeitos capazes de analisar, problematizar e construir conhecimentos de forma autônoma. Como destaca Lipman (1990, p. 22), trata-se de encorajar os estudantes a “empregar as ferramentas e métodos de investigação para que possam avaliar evidências, detectar incoerências, tirar conclusões válidas e construir hipóteses”. Assim, a prática filosófica na infância favorece o desenvolvimento de habilidades cognitivas e argumentativas fundamentais para a formação integral dos sujeitos.

Segundo Lipman:

[...] o objetivo não é desnortear os estudantes levando-os ao relativismo, mas encorajá-los a empregar as ferramentas e métodos de investigação para que possam, completamente, avaliar evidências, detectar incoerências e incompatibilidades, tirar conclusões válidas, construir hipóteses e empregar critérios até que percebam as possibilidades de objetividade com relação a valores e fatos (Lipman, 1990, p. 22)

Walter Omar Kohan (2012) amplia essa compreensão ao enfatizar a infância como potência de pensamento e experiência. Para o autor, pensar com crianças implica reconhecer suas formas singulares de interpretar o mundo, valorizando os processos de escuta, atenção e abertura ao inesperado. Nesse sentido, a Filosofia com Crianças não se reduz a uma metodologia, mas constitui uma experiência formativa que articula ensino, pesquisa e extensão. Conforme afirma Kohan (2012, p. 19), trata-se de:

[...] uma prática que mostra o caráter indissociável da extensão, a pesquisa e o ensino. Ela potencia, através de experiências de pensamento filosófico, a dimensão pesquisadora da extensão, a projeção extensionista da pesquisa no mundo das relações de ensino e aprendizagem que atravessam a instituição escolar (Kohan, 2012, p. 19).

Desse modo, a inserção da Filosofia com Crianças na escola contribui para a construção de práticas pedagógicas que superam modelos tradicionais de ensino, favorecendo a autonomia intelectual, a criatividade e o desenvolvimento de um

pensamento mais crítico e reflexivo. Ao valorizar a participação ativa das crianças, essa abordagem rompe com a lógica da passividade e reconhece o estudante como protagonista do processo educativo.

O DIÁLOGO COMO PRÁTICA FUNDAMENTAL NA CONSTRUÇÃO DO PENSAMENTO CRÍTICO-REFLEXIVO NA INFÂNCIA

O diálogo ocupa um lugar central nas propostas educativas voltadas ao desenvolvimento do pensamento crítico-reflexivo na infância. No âmbito da Filosofia com Crianças, ele não se limita a uma simples troca de informações, mas constitui-se como um processo de investigação coletiva, no qual os participantes constroem sentidos de forma colaborativa.

A proposta de comunidade de investigação, formulada por Lipman (1990), evidencia o diálogo como estratégia pedagógica essencial, pois permite que as crianças expressem ideias, formulem perguntas, argumentem e considerem diferentes pontos de vista. Esse processo contribui para o desenvolvimento de habilidades cognitivas, sociais e éticas, como a escuta, o respeito à diversidade e a capacidade de argumentação fundamentada.

Na perspectiva de Freire (1996), o diálogo constitui uma prática de liberdade, na qual educador e educando se reconhecem como sujeitos do conhecimento. Para o autor, “o diálogo é este encontro dos homens, mediatizados pelo mundo, para pronunciá-lo” (Freire, 1987, p. 78), sendo, portanto, elemento central na construção de uma educação crítica e problematizadora.

De modo complementar, a abordagem sociocultural de Vygotsky (1991; 2001) destaca que o desenvolvimento cognitivo ocorre por meio das interações sociais, nas quais a linguagem exerce papel fundamental. Nesse contexto, o diálogo atua como mediador da aprendizagem, possibilitando a internalização de conceitos e a ampliação das formas de compreender o mundo. Como afirma o autor, “o significado da palavra é um fenômeno do pensamento na medida em que o pensamento se realiza na fala” (Vygotsky, 2001, p. 398).

A perspectiva dialógica de Bakhtin (2003) também contribui para essa discussão ao compreender o diálogo como interação entre vozes, na qual os sentidos são construídos de forma dinâmica e relacional. Nesse processo, a linguagem não é apenas instrumento de comunicação, mas um espaço de produção de significados.

Comentado [2]: Conforme o template, o espaçamento dos títulos e subtítulos é simples

Comentado [3]: Não há espaço entre os parágrafos. Deve ser como está na introdução.

Além disso, Dewey (1979) ressalta que o pensamento reflexivo se desenvolve a partir da experiência e da investigação. Para o autor, a educação deve estimular a curiosidade e a problematização, promovendo aprendizagens significativas. Assim, práticas pedagógicas baseadas no diálogo e na investigação contribuem para que as crianças desenvolvam a capacidade de refletir criticamente sobre suas experiências.

Dessa forma, a articulação entre diálogo, investigação e reflexão mostra-se fundamental para a promoção do pensamento crítico na infância. Ao participarem de experiências educativas que valorizam a escuta, o questionamento e a argumentação, as crianças ampliam suas possibilidades de compreensão do mundo e de posicionamento diante das diversas situações vivenciadas no contexto escolar e social.

LITERATURA INFANTIL COMO MEDIADORA DE REFLEXÕES SOBRE DIVERSIDADE NA INFÂNCIA

A literatura infantil ocupa um lugar central na formação cultural, ética e estética das crianças, uma vez que possibilita o contato com diferentes narrativas, experiências humanas e formas de compreender o mundo. Nesse sentido, a literatura exerce uma função formativa e humanizadora, contribuindo para o desenvolvimento da sensibilidade, da imaginação e da compreensão da realidade social. Como afirma Candido (1995, p. 186), “a literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade”, pois, ao dar forma aos sentimentos e à visão de mundo, contribui para a humanização dos sujeitos.

Nessa perspectiva, Zilberman (2003) destaca que a literatura infantil desempenha papel fundamental na formação do leitor e na ampliação da percepção de mundo das crianças. Ao entrar em contato com histórias, personagens e situações diversas, a criança é convidada a interpretar, imaginar e refletir sobre diferentes experiências humanas, exercitando sua capacidade crítica e ampliando seus horizontes de compreensão.

Além disso, a literatura infantil configura-se como um recurso pedagógico potente para a abordagem de temas relacionados à diversidade. Por meio das narrativas, as crianças entram em contato com diferentes culturas, identidades e modos de vida, contribuindo para a construção de uma compreensão mais plural da realidade. Nesse sentido, Colomer (2003) ressalta que a literatura oferece um espaço privilegiado para a reflexão sobre valores, relações sociais e formas de convivência.

A abordagem da diversidade por meio da literatura também se mostra relevante para a formação de atitudes de respeito, empatia e valorização das diferenças. Ao trabalhar com narrativas que contemplam questões étnico-raciais, culturais e sociais, a escola contribui para a construção de uma educação mais democrática e inclusiva. Conforme destaca Gomes (2005, p. 146), trabalhar a diversidade no contexto escolar implica “reconhecer e valorizar a história, a cultura e a identidade dos povos”, promovendo práticas educativas comprometidas com a superação de desigualdades e preconceitos.

Desse modo, a leitura literária, quando mediada pelo diálogo e pela escuta no ambiente escolar, favorece a construção de experiências reflexivas e formativas na infância. Articulada à proposta da Filosofia com Crianças, a literatura amplia as possibilidades de problematização, questionamento e produção de sentidos, contribuindo para o desenvolvimento do pensamento crítico, da imaginação e da sensibilidade diante das diferenças.

METODOLOGIA

A presente pesquisa caracteriza-se como uma investigação de abordagem qualitativa, de natureza descritivo-interpretativa, uma vez que busca compreender e analisar os sentidos produzidos nas experiências de leitura, diálogo e investigação filosófica desenvolvidas com crianças no contexto escolar.

De acordo com Minayo (2001, p. 36), a pesquisa qualitativa possibilita compreender “significados, experiências e interpretações construídas pelos sujeitos em determinados contextos sociais”, mostrando-se, portanto, adequada para o estudo de práticas educativas e processos formativos na infância.

O estudo foi desenvolvido no âmbito do projeto de extensão “Diversidade e Direitos Humanos: escuta, fala e imaginação em experiências de pensar com crianças”, realizado na Escola Municipal Auta de Souza, localizada no município de Caicó/RN, no ano de 2024. Participaram da pesquisa 22 estudantes do 2º ano do Ensino Fundamental, com idades entre 7 e 8 anos.

As atividades foram organizadas em encontros quinzenais, no período de maio a dezembro de 2024, estruturadas por meio de leitura de obras da literatura infantil, rodas de conversa e práticas de investigação filosófica. Tais estratégias tiveram como

objetivo favorecer a participação ativa das crianças, estimulando a formulação de perguntas, a argumentação, a escuta e a construção coletiva de sentidos.

A proposta metodológica fundamenta-se nos pressupostos da Filosofia com Crianças, especialmente nas contribuições de Lipman (1990) e Kohan (2012), compreendendo o diálogo como eixo central das experiências de pensamento. Nesse contexto, as crianças foram incentivadas a compartilhar interpretações, levantar hipóteses e refletir sobre situações relacionadas às temáticas da diversidade e dos direitos humanos.

Para a análise empírica, neste artigo, foram selecionados diálogos produzidos a partir da leitura das obras *Malala, a menina que queria ir para a escola* (Yousafzai, 2015) e *Amor de cabelo* (Cherry, 2020), por abordarem questões relacionadas à identidade, diversidade e reconhecimento das diferenças. Os encontros foram registrados por meio de diário de campo e gravações em áudio, posteriormente transcritas para análise.

Os sujeitos diretamente envolvidos nos diálogos analisados correspondem a um recorte do grupo total de participantes. No primeiro diálogo, referente à obra *Malala, a menina que queria ir para a escola*, participaram sete crianças, identificadas como Criança 1 a Criança 7. No segundo diálogo, referente à obra *Amor de cabelo*, participaram sete crianças, identificadas pelos nomes fictícios Pedro, Ana, Lucas, Beatriz e Mariana, além das mediações realizadas pelas professoras/pesquisadoras (Jéssica e Marilene). Ressalta-se que, por questões éticas, os nomes das crianças foram substituídos por pseudônimos, garantindo a preservação de suas identidades, conforme os princípios éticos da pesquisa com seres humanos.

Os dados foram analisados à luz da análise de conteúdo, conforme proposta por Bardin (2011), buscando identificar categorias relacionadas ao desenvolvimento do pensamento crítico, da imaginação e das práticas dialógicas. A interpretação dos dados também dialoga com a perspectiva dialógica de Bakhtin (2006), que compreende o discurso como construção social, produzida na interação entre sujeitos, e com a abordagem sociocultural de Vygotsky (1991), ao considerar o papel das interações na constituição do pensamento.

Dessa forma, a análise buscou compreender como as experiências de leitura e diálogo filosófico contribuíram para a produção de sentidos pelas crianças, evidenciando processos de reflexão, questionamento e construção de posicionamentos acerca das temáticas abordadas.

Comentado [4]: Retirar o espaço após o parêntese e antes da vírgula

**ENTRE VOZES, HISTÓRIAS E IDENTIDADES: DIÁLOGO E DIVERSIDADE
NAS EXPERIÊNCIAS DE PENSAR COM CRIANÇAS**

A análise dos dados produzidos nas experiências de leitura e diálogo filosófico evidência que a articulação entre literatura infantil, diálogo e investigação filosófica constitui um caminho potente para o desenvolvimento do pensamento crítico, da imaginação e da reflexão sobre a diversidade na infância, conforme proposto no objetivo deste estudo. As interações analisadas revelam que, quando inseridas em práticas dialógicas, as crianças são capazes de construir sentidos, posicionar-se e elaborar interpretações acerca de questões sociais relevantes, como direitos humanos, identidade e diferença.

A partir da leitura da obra *Malala, a menina que queria ir para a escola* (Yousafzai, 2015), emergiram reflexões relacionadas ao direito à educação, às desigualdades de gênero e à luta por direitos. Tais compreensões se expressam no diálogo desenvolvido com as crianças:

Jéssica: Crianças, depois de ouvir a história de Malala Yousafzai, o que vocês entenderam sobre a vida dela?

Criança 1: Eu entendi que Malala era uma menina que queria muito estudar, mas no lugar onde ela morava algumas pessoas não queriam que as meninas fossem para a escola.

Marilene: Muito bem! E por que estudar era tão importante para Malala?

Criança 2: Porque ela acreditava que a educação podia mudar a vida das pessoas e ajudar as meninas a terem um futuro melhor.

Jéssica: Ótima resposta! Vocês lembram o que aconteceu com Malala por ela defender o direito de estudar?

Criança 3: Sim. Ela sofreu um ataque porque falava que todas as meninas tinham direito de ir à escola.

Marilene: Isso mesmo. E mesmo depois desse momento difícil, o que Malala fez?

Criança 4: Ela continuou lutando pela educação das meninas e falando para o mundo inteiro que estudar é um direito de todos.

Jéssica: Muito bem observado! E o que essa história ensinou para vocês?

Criança 5: Ensinou que a gente não deve desistir dos nossos sonhos, mesmo quando aparecem dificuldades.

Marilene: Perfeito! E vocês acham que a escola é importante? Por quê?

Criança 6: Sim! Porque na escola a gente aprende a ler, escrever e entender melhor o mundo.

Jéssica: Muito bom! E se vocês pudessem falar com Malala, o que diriam?

Criança 7: Eu diria que ela é muito corajosa e agradece por lutar para que todas as crianças possam estudar.

Marilene: Então, qual a grande lição que aprendemos com a história de Malala?

Criança 1, 3 e 5: A educação é muito importante.

Criança 2, 4, 6 e 7: Toda criança tem direito de estudar!
(REGISTRO DE DIÁLOGO COM ESTUDANTES DO 2º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL, 2024).

A análise desse excerto evidencia que as crianças não apenas compreenderam os acontecimentos narrados, mas foram capazes de atribuir sentidos que articulam elementos da história com valores sociais e posicionamentos próprios. Ao afirmarem que “a educação pode mudar a vida das pessoas” e que “todas as crianças têm direito de estudar”, demonstram a construção de sentidos que ultrapassam a narrativa, revelando um movimento de generalização e abstração, no qual a experiência particular da personagem é reinterpretada como princípio universal.

Esse movimento pode ser compreendido à luz da perspectiva de Freire (1996), ao indicar que o conhecimento se produz na problematização do mundo vivido. As falas das crianças evidenciam não apenas a compreensão do enredo, mas a capacidade de posicionamento diante de uma realidade marcada por desigualdades, o que aponta para a emergência de uma consciência crítica em processo de formação.

Sob a perspectiva de Vygotsky (1991), observa-se que tais compreensões são construídas no plano interpsicológico, a partir das interações estabelecidas no diálogo, sendo posteriormente internalizadas. A roda de conversa constitui, assim, um espaço privilegiado de mediação simbólica, no qual a linguagem desempenha papel central na organização do pensamento. As falas das crianças revelam que a construção de significados ocorre de forma compartilhada, sendo constantemente reelaborada a partir das contribuições dos colegas.

A análise também pode ser aprofundada a partir da perspectiva dialógica de Bakhtin (2003), ao compreender que os sentidos emergem da interação entre múltiplas vozes. No diálogo apresentado, cada enunciado das crianças constitui uma resposta a enunciados anteriores, evidenciando o caráter responsivo e relacional da linguagem. Nesse sentido, o discurso infantil revela-se como espaço de circulação de vozes sociais, nas quais se articulam discursos sobre educação, direitos e igualdade.

No que se refere à temática da diversidade e dos direitos humanos, a narrativa de Malala possibilitou a problematização das desigualdades de gênero e do acesso à educação, ampliando o repertório das crianças acerca de diferentes contextos sociais.

Tal processo evidencia o potencial da literatura infantil como mediadora de reflexões críticas, conforme discutido por Candido (1995) e Colomer (2003), ao destacarem o caráter humanizador da literatura.

Além disso, a dinâmica do diálogo evidencia a constituição de um espaço investigativo no qual as perguntas desempenham papel central na construção do pensamento das crianças. As intervenções das mediadoras, ao problematizar a narrativa — “por que estudar era importante?”, “o que essa história ensinou?” — favorecem a ampliação das respostas e a elaboração de reflexões mais complexas. Esse movimento aproxima-se da proposta de Lipman (1990), ao defender a criação de comunidades de investigação como espaços nos quais o pensamento se desenvolve por meio do questionamento, da argumentação e da reflexão coletiva. Nesse sentido, o autor afirma que “o pensamento de ordem superior requer uma comunidade de investigação, na qual os participantes são encorajados a pensar por si mesmos e a justificar suas ideias” (Lipman, 1990, p. 31).

Em diálogo com Kohan (2012), observa-se que as experiências analisadas evidenciam a infância como potência de pensamento, na medida em que as crianças não apenas respondem às perguntas, mas produzem interpretações próprias, estabelecem relações com suas vivências e ampliam suas formas de compreender o mundo. Para o autor, “a experiência de pensar com crianças exige abertura ao inesperado e atenção ao que emerge no encontro” (Kohan, 2012, p. 175). Assim, o diálogo configura-se como espaço de experiência em que as crianças exercitam sua autonomia intelectual, constroem sentidos próprios e ampliam suas formas de compreender o mundo no encontro com o outro.

Dessa forma, o diálogo analisado revela que a articulação entre literatura infantil e investigação filosófica possibilita a construção de experiências formativas significativas, nas quais as crianças desenvolvem não apenas habilidades cognitivas, mas também valores éticos e sociais relacionados à justiça, à igualdade e ao direito à educação.

No que se refere à leitura da obra *Amor de cabelo* (Cherry, 2020), observou-se a emergência de reflexões relacionadas à identidade, à valorização das características físicas e à diversidade étnico-racial, conforme evidenciado no diálogo a seguir:

Marilene: Meninos e meninas, vamos lembrar do que falamos no livro *Amor de cabelo*? O que mais chamou a atenção de vocês?

Pedro: Eu gostei quando a personagem falou do cabelo dela. Parecia diferente, sabe?

Jéssica: Diferente de que, Pedro? Você quer dizer que parecia único?

Pedro: É! Meio enrolado, com jeitinho diferente do meu.

Ana: Eu achei legal porque a personagem se sentiu feliz com o cabelo. A mãe também falou que é lindo.

Marilene: Isso é importante, Ana. E como vocês se sentem quando falam do cabelo de vocês?

Lucas: Às vezes eu falo que não gosto muito do meu, porque ele é muito liso e as outras crianças riem.

Jéssica: E como a gente pode responder quando alguém ri, Lucas?

Lucas: A gente podia dizer que cabelo não tem que ser igual, cada um tem o seu jeitinho.

Marilene: Isso mesmo! Cada cabelo conta uma história. E por que a história do livro fala sobre se aceitar?

Beatriz: Porque tem gente que acha que precisa ter cabelo igual pra ser bonito. Mas o livro mostra que ser diferente é bom.

Jéssica: Verdade, Beatriz. Vamos lembrar: o que é identidade pra vocês?

Mariana: Identidade é olhar no espelho e saber quem eu sou. Meu cabelo faz parte disso.

Pedro: Meu cabelo é parte de mim também. Meu avô tem cabelo parecido com o meu.

Marilene: Viu como as características físicas nos ligam à família? E à diversidade — o que significa essa palavra aqui na nossa turma?

Ana: Significa que tem muita gente diferente: cor, cabelo, nome, jeito de falar.

Jéssica: E como a gente mostra que respeita essa diversidade?

Lucas: A gente trata todo mundo bem. Não faz piada do cabelo dos outros.

Beatriz: E fala que é bonito quando a pessoa se sente bem com ele.

Marilene: Excelente! Vamos lembrar de uma frase do livro: amor pelo próprio cabelo. Como podemos praticar isso no dia a dia?

Mariana: Olhar no espelho e falar coisas legais pra mim.

Pedro: Pentear do jeito que eu gosto. Não deixar ninguém mandar em como eu quero.

Jéssica: E quando virem alguém triste por causa do cabelo, o que fazemos?

Ana: Ajudamos, elogiamos, mostramos que todo cabelo é lindo.

Marilene: Perfeito. Hoje aprendemos que identidade e valorização são palavras grandes, mas que a prática é simples: respeito, cuidado e carinho. Querem fazer um cartaz para lembrar tudo isso?

Crianças: Sim!

Jéssica: Então vamos fazer o cartaz com desenhos dos diferentes tipos de cabelo e frases de apoio, combinado?

Crianças: Combinado!

Marilene: Ótimo, turma. Como no livro Amor de cabelo: cada fio conta uma história e todas merecem ser celebradas. (REGISTRO DE DIÁLOGO COM ESTUDANTES DO 2º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL, 2024)

A análise desse segundo diálogo revela um deslocamento significativo nas formas de compreensão das crianças acerca da identidade. As falas indicam a construção

de sentidos que tensionam padrões estéticos hegemônicos, ao afirmarem a valorização das diferenças e o reconhecimento da singularidade de cada sujeito. Ao dizerem que “cada cabelo tem seu jeitinho” e que “não precisa ser igual para ser bonito”, as crianças demonstram um processo de ressignificação de valores socialmente construídos.

Sob a perspectiva de Bakhtin (2003), essas produções discursivas evidenciam que os sentidos são construídos na interação entre vozes e atravessados por discursos sociais mais amplos. As falas das crianças revelam a presença de discursos socialmente difundidos sobre beleza e identidade, que são apropriados, tensionados e transformados no contexto do diálogo.

Além disso, as reflexões produzidas pelas crianças dialogam com as contribuições de Gomes (2005), ao evidenciar a importância de práticas pedagógicas comprometidas com a valorização da diversidade étnico-racial. Ao reconhecerem que “todo cabelo é bonito” e que “não se deve rir do outro”, as crianças percebem a beleza das diferenças e a importância do respeito, demonstrando a construção de atitudes de empatia, reconhecimento e valorização da diversidade, fundamentais para a formação de sujeitos em uma perspectiva de educação para os direitos humanos.

A mediação das professoras, por meio de perguntas problematizadoras, evidencia novamente a constituição de um espaço próximo ao que Lipman (1990) denomina comunidade de investigação. Nesse contexto, as crianças são incentivadas a refletir, argumentar e construir sentidos coletivamente, avançando de respostas descritivas para interpretações mais elaboradas e críticas.

Dessa forma, os dois diálogos analisados evidenciam que a articulação entre literatura infantil, diálogo e investigação filosófica favorece a construção de experiências formativas significativas. Ao refletirem sobre temas como direito à educação, identidade e diversidade, as crianças ampliam suas formas de compreender o mundo, desenvolvem a capacidade de argumentação e constroem posicionamentos éticos diante das diferenças.

Por fim, os resultados indicam que práticas pedagógicas fundamentadas no diálogo e na escuta contribuem para o desenvolvimento do pensamento crítico, da imaginação e da consciência social, reafirmando o potencial da Filosofia com Crianças como abordagem educativa comprometida com a formação de sujeitos mais reflexivos, participativos e sensíveis à diversidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As análises realizadas neste estudo evidenciam que a Filosofia com Crianças, articulada à leitura da literatura infantil e mediada pelo diálogo, constitui uma abordagem potente para o desenvolvimento do pensamento crítico, da imaginação e da reflexão sobre a diversidade na infância, conforme proposto no objetivo deste artigo. Ao considerar as crianças como sujeitos de pensamento, capazes de interpretar, questionar e produzir sentidos, as experiências desenvolvidas no projeto de extensão possibilitaram a construção de práticas educativas significativas no contexto escolar, nas quais a escuta, a participação e a problematização assumem papel central.

Os resultados demonstram que o diálogo, compreendido como prática estruturante do processo educativo, favoreceu a participação ativa das crianças, a construção coletiva de conhecimentos e a elaboração de posicionamentos diante de questões sociais relevantes. Em consonância com as contribuições de Freire (1996), observou-se que a problematização das narrativas literárias possibilitou a emergência de uma leitura crítica da realidade, evidenciada nas falas das crianças ao reconhecerem a educação como direito e ao refletirem sobre desigualdades sociais e culturais.

Sob a perspectiva de Vygotsky (1991), observou-se que as interações estabelecidas nas rodas de conversa evidenciaram o papel da mediação social na constituição do pensamento, uma vez que os significados foram construídos no plano coletivo e progressivamente internalizados pelos sujeitos. A linguagem, nesse contexto, configurou-se como instrumento fundamental na organização do pensamento, possibilitando que as crianças ampliassem suas compreensões por meio da interação com os pares.

De modo complementar, a abordagem dialógica de Bakhtin (2003) permitiu compreender que os discursos produzidos pelas crianças emergem da relação entre múltiplas vozes, revelando processos dinâmicos de construção compartilhada de sentidos.

No âmbito da Filosofia com Crianças, as práticas analisadas aproximam-se da proposta de comunidade de investigação defendida por Lipman (1990), ao promover espaços nos quais as crianças foram incentivadas a perguntar, argumentar e refletir coletivamente. As perguntas mediadoras desempenharam papel fundamental nesse processo, favorecendo o desenvolvimento da autonomia intelectual, da capacidade argumentativa e da reflexão crítica. Em diálogo com Kohan (2012), observa-se que tais

experiências reconhecem a infância como potência de pensamento, valorizando a escuta, a experiência e a abertura ao inesperado como elementos constitutivos do processo educativo.

No que se refere à temática da diversidade e dos direitos humanos, os diálogos analisados evidenciaram que a literatura infantil constitui um recurso pedagógico significativo para a problematização de questões sociais. A partir da obra *Malala, a menina que queria ir para a escola* (Yousafzai, 2015), as crianças refletiram sobre o direito à educação, as desigualdades de gênero e a luta por direitos, evidenciando a capacidade de generalizar experiências particulares em princípios mais amplos. Por sua vez, a leitura de *Amor de cabelo* (Cherry, 2020) possibilitou discussões sobre identidade, pertencimento e valorização das diferenças, contribuindo para a construção de atitudes de respeito, empatia e reconhecimento da diversidade, em consonância com as contribuições de Gomes (2005).

As análises dos diálogos evidenciaram, ainda, que as crianças foram capazes de ressignificar discursos sociais, tensionar padrões hegemônicos e construir novas formas de compreender a si mesmas e ao outro. Esse movimento indica que práticas pedagógicas fundamentadas no diálogo e na investigação filosófica favorecem não apenas a compreensão de conteúdos, mas a produção de sentidos e a construção de posicionamentos éticos diante da realidade social.

Dessa forma, conclui-se que a articulação entre literatura, diálogo e investigação filosófica contribui não apenas para o desenvolvimento cognitivo das crianças, mas também para sua formação ética, social e crítica, favorecendo a constituição de sujeitos mais participativos, reflexivos e sensíveis à diversidade.

Por fim, destaca-se a relevância de ampliar a inserção da Filosofia com Crianças nos anos iniciais do Ensino Fundamental, como estratégia para fortalecer práticas pedagógicas dialógicas, inclusivas e comprometidas com a formação integral dos sujeitos. Como limitação do estudo, ressalta-se o recorte empírico restrito a uma única turma e a um conjunto específico de experiências, indicando a necessidade de novas pesquisas que aprofundem a análise em diferentes contextos educativos, ampliando a compreensão sobre as potencialidades dessa abordagem no campo da educação.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. Estética da criação verbal. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAKHTIN, Mikhail. Marxismo e filosofia da linguagem. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo. São Paulo: Edições 70, 2011.

CANDIDO, Antônio. O direito à literatura. In: CANDIDO, Antônio. Vários escritos. 3. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995. p. 169-191.

CHERRY, Matthew A. Amor de cabelo. São Paulo: HarperCollins Brasil, 2020.

COLOMER, Teresa. Andar entre livros: a leitura literária na escola. São Paulo: Global, 2003.

DEWEY, John. Experiência e educação. São Paulo: Nacional, 1979.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: **saberes** necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GOMES, Nilma Lino. Educação, identidade negra e formação de professores. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

KOHAN, Walter Omar. Infância, estraneiridade e ignorância: ensaios de filosofia e educação. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

KOHAN, Walter Omar. A infância da educação: o conceito de devir-criança. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

KOHAN, Walter Omar; OLARIETA, Beatriz Fabiana (Orgs.). A escola pública aposta no pensamento. Belo Horizonte: Autêntica, 2012. (Coleção Ensino de Filosofia).

LIPMAN, M. A Filosofia vai à escola. Trad. Maria Elice de B. Prestes e Lúcia Maria S. Kremer. São Paulo: Summus, 1990.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Pesquisa social: teoria, método e criatividade. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

VYGOTSKY, Lev Semionovitch. A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

VYGOTSKY, Lev Semionovitch. Pensamento e linguagem. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

YOUSAFZAI, Malala. Malala: a menina que queria ir para a escola. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2015.

ZILBERMAN, Regina. A literatura infantil na escola. São Paulo: Global, 2003.

Comentado [5]: A parte secundária do título não fica destacada. Fazer uma revisão nesse sentido em todas as referências

